

A EXPERIÊNCIA DE UMA TRAVESSIA NO CURSO DE LICENCIATURA FORMAÇÃO DE PROFESSORES INDÍGENAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS: NAVEGANDO NAS DOBRAS DO (IM) POSSÍVEL

Fabiana de Freitas Pinto¹
Cláudio Gomes da Victória²

O curso de licenciatura formação de professores indígenas e suas nuances

Nas nuances de um processo que mergulha nas facetas do universo das culturas indígenas, trazemos para reflexão as inúmeras travessias realizadas pelos alunos das turmas Munduruku, Sateré-Mawé, Médio Solimões, Alto Rio Negro, Alto Solimões, Madeira/ Manicoré e Purus/Lábrea e pelos professores formadores que atuam no desafio de construir diariamente as especificidades de um curso pensado e gestado a partir das demandas dos povos indígenas e suas necessidades de formação.

A mencionada atuação se dá no contexto do Curso de Licenciatura Formação de Professores Indígenas, criado em 2008 e implantado na Universidade Federal do Amazonas (UFAM) a partir de uma reivindicação inicial por formação superior do Povo Indígena Mura, do município de Autazes/AM. Conforme anunciado no Projeto Político Pedagógico do referido Curso o principal objetivo nessa caminhada é:

Formar, em nível superior, numa perspectiva intercultural e interdisciplinar, professores indígenas para atuar na 2ª etapa do ensino fundamental e no ensino médio, nas escolas indígenas, com habilitação plena nas áreas de Ciências Humanas e Sociais; Ciências Exatas e Biológicas; Letras e Artes. (2012, p. 13).

É importante ressaltar que esse passo inicial dado pelos Mura em direção ao Ensino Superior reflete na mudança do cenário reivindicatório construído por muitas outras populações indígenas em prol de uma educação diferenciada que lhes garantam um futuro mais promissor e vai ao encontro com o pensamento de Luciano (2006) quando este destaca que:

Os povos indígenas têm hoje uma nova consciência sobre a sua realidade histórica e estão construindo o seu futuro com dignidade. A consciência das contradições e das complexidades dos problemas e dos desafios enfrentados é acrescentada aos conhecimentos tradicionais, à necessidade de entender a dinâmica da sociedade envolvente, assim como ter o domínio dos novos saberes que ajudem no encaminhamento das variadas situações que surjam. (2006, p. 145).

Ao nos depararmos com o compromisso de construir uma educação de qualidade dentro dos parâmetros da especificidade e diferença nos damos conta, enquanto professores partícipes desse processo, da importância de nos prepararmos cada vez mais para longas travessias nesse rio chamado educação escolar indígena. Temos consciência de que o mergulho nas águas desse sinuoso rio também será intenso e muito nos será exigido até que saibamos lidar com algumas tempestades e águas agitadas, que em muitos causam temor, angústia, principalmente para aqueles que experimentam pela primeira vez as travessuras e enigmas dessas águas.

¹ Universidade Federal do Amazonas (UFAM); Manaus, Amazonas, Brasil. E-mail: fabianapdg@hotmail.com.

² Universidade Federal do Amazonas (UFAM); Manaus, Amazonas, Brasil. E-mail: victoriaclaudio@hotmail.com.

É válido ressaltar que o cotidiano da formação que temos vivenciado, por vezes apresentou-se como esse rio em dias de tempestade. A falta de sólida estrutura e logística adequada ao atendimento digno aos alunos, a falta de apoio efetivo no interior da administração universitária, o pouco interesse por parte do poder público, são algumas das águas agitadas que encaramos na árdua luta cotidiana de fazer acontecer o direito que os povos indígenas têm de ter acesso a um Ensino Superior de qualidade e nele permanecer. Fazer a leitura dessa experiência de mundo é o desafio dos alunos e nosso enquanto formadores que incansavelmente navegamos por entre as turbulências e calmarias da vida na universidade.

Nesse caminho de leituras, reflexões e análises da realidade com a qual temos nos deparado nos perguntamos de modo constante, em que medida os alunos e os professores que adentram no barco dessa formação têm conseguido empreender um diálogo a partir dos desafios enfrentados nas relações cotidianas?

O cotidiano do curso e o frequente navegar pelos desafios da formação

A discussão em torno dos desafios, sobretudo, os enfrentados pelos docentes no campo da formação dos professores indígenas nos possibilita mostrar a real diferença entre ser professor em territórios amazônicos e em outros contextos existentes no país. No trabalho com povos indígenas, por exemplo, ser professor é mais do que superar os muitos percalços geográficos encontrados pelo caminho, é ir ao encontro de sujeitos “encharcados” por uma diversidade cultural que além de nos impressionar nos permite cotidianamente enriquecer nossa identidade profissional.

Partindo do contexto da docência no Curso de Formação de Professores Indígenas, aprender tem sido uma das ações mais constantes e importantes no processo de vivência acadêmica. Um exercício construído aos poucos e cuidadosamente com vistas a compreender esse complexo simbólico que se constituiu a educação superior para os povos tradicionais indígenas.

A tarefa de mediar o ensino para essas populações, como apontam muitos estudos, não têm sido fáceis, mas extremamente necessária, uma vez que, tem sido pela educação que os povos têm conseguido garantir sua autonomia, a defesa de seus territórios e a efetividade de seus projetos sócio-educacionais nos seios de suas comunidades.

O acesso à escola diferenciada e, inclusive, com a mais nova demanda de acesso às universidades sustenta-se em toda uma instituição jurídica com relação ao tratamento epistemológico e pedagógico que deve ser reservado às populações indígenas do país, no sentido de lhe serem respeitadas a diferença e a especificidade, referentes à educação escolar e à formação/capacitação desses povos não só como recurso de fortalecimento de identidades, mas, também, enquanto recursos de construção de autonomia e emancipação para o enfrentamento dos problemas que a eles se põe na contemporaneidade. (NASCIMENTO e VINHA, 2007, p. 6).

Para tanto, muitos professores não-indígenas de diversas universidades brasileiras têm “encarado” o desafio de ensinar e construir conhecimentos com os indígenas que, atualmente adentram o nível superior. Essa não tem sido uma empreitada simples, uma vez que, exige dos professores uma sensibilização que consiga dar conta de uma educação diferenciada requerida por eles e, principalmente, desconstrução dos conceitos pré-concebidos a respeito da imagem e da cultura, de modo geral, dos sujeitos indígenas.

O trabalho com os povos indígenas, longe está de ser uma simples tarefa, sobretudo, quando levamos em consideração os processos excludentes discriminatórios pelos quais já

passaram ao longo da história. E ainda enfrenta, na medida em que muitas ainda são as interrogações por parte da sociedade sobre o porquê de cursos específicos para os povos indígenas? Porque os indígenas querem escolas?

Ou seja, os professores que buscam trilhar essa trajetória de atuação na formação de cursos como a Licenciatura Formação de Professores Indígenas, devem procurar entender que:

Nessa perspectiva, uma mudança no entendimento em relação aos projetos de escolarização impostos aos índios implica reconhecer que os povos indígenas mantêm vivas formas próprias de aprender e ensinar que podem contribuir para a construção de políticas e práticas educacionais adequadas, capazes de atender aos anseios, interesses, necessidades e desafios diários que hoje se impõem a esses povos (MORAES, SANTOS e SILVA, 2011, p. 117 e 118).

Frente a tantas problemáticas, podemos observar quão desafiante é ser professor nesse contexto notoriamente específico e quantas são suas limitações para a mudança da realidade que enfrentam. É, pois trilhando esse caminho em meio aos percalços da profissão que temos a certeza dos sentimentos que reafirmam a permanência, nessa que se constitui muitas vezes uma luta, que é ensinar e levar adiante o conhecimento que humaniza, liberta e transforma as mentalidades.

Para colaborar com esse diálogo Pimenta (2008) destaca que:

Certamente o que os professores e professoras são é muito mais do que aquilo que fazem. Ao fazerem o que fazem eles instituem práticas que condicionam outros modos de ser porque exemplificam outras maneiras de ser. Isso quer dizer que há uma imbricação entre ser e fazer, isto é, a realidade ontológica do ser professor conjuga-se com a realidade da episteme do fazer profissional do docente em ação. Se assim for, o professor é e está sendo, à medida que assume seu trabalho como condição de poder mais, justamente na mesma medida e que ele se desvencilha de velhas formas de pensar os processos pedagógicos (p. 10).

Acreditamos que os professores do Curso de Licenciatura Formação de Professores Indígenas, nesse sentido, têm buscado caminhar na direção de novas possibilidades para o fazer docente encontrando, sobretudo, nesse caminho do ensino superior e povos indígenas oportunidades para a criação de novos saberes, novas consciências e mudanças necessárias ao trabalho pedagógico. Novas Leituras de mundo.

Considerações finais

Ao “navegar” nessas experiências junto aos professores comprometidos com a construção de uma educação superior com os povos indígenas, navegamos também num processo que exige renúncias e, de certo modo, audácia para o efetivo rompimento de fronteiras que ainda impedem a criação de territórios interculturais.

A luta e o compromisso dos professores, de modo geral, que atuam hoje com populações indígenas é, antes de tudo fazer com que a sociedade perceba o ganho que o mundo pode ter a partir da construção de relações mais democráticas, respeitadas com os diversos grupos sociais independente de sua cor, origem, classe ou crença religiosa.

Por fim, esperamos que essa experiência além dos aprendizados que podem nos trazer também nos aproxime de tantas outras experiências docentes e formativas pelo Brasil nos ajudando assim a “tecer” cotidianamente redes cada vez mais extensas de diálogos e

possibilidades na educação possibilitando-nos navegar nas mais diversas dobras do (im) possível.

Referências

LUCIANO, Gersem José dos Santos. **O índio brasileiro**: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

AMAZONAS, Universidade Federal. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura Formação de Professores Indígenas**. Manaus, 2012.

MORAES, Ana Alcídia de Araújo; SANTOS, Elciclei Faria dos; SILVA, Rosa Helena Dias da. Professores indígenas Mura: entre práticas de ensino, processos de formação e estratégias de resistência. In: LINHARES, Célia; GARCIA, Regina Leite e CORRÊA, Carlos Humberto Alves (Org.). **Cotidiano e Formação de Professores**. Brasília: Liber Livro, Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2011.

NASCIMENTO, Adir Casaro; VINHA, Marina. Educação Escolar Indígena e o Sistema Nacional de Educação. **Cadernos Anpae**, n. 4, 2007. Porto Alegre, 2007. Disponível em: <http://www.anpae.org.br/congressos_antigos/simposio2007/01.pdf>.

GHEDIN, Evandro; ALMEIDA, Maria Isabel de; LEITE, Yoshie Ussami Ferrari. **Formação de Professores**: caminhos e descaminhos da prática. Brasília: Liber Livro Editora, 2008.